DILUCULOS

José do Amaral

VERSOS

PERNAMBUCO
Typ. Tondella, Cockles & C.ia
1899

CARTA AO AUTOR

Dilecto Amigo

Ha dezoito annos, pouco mais ou menos, que travámos relações de amisade, e tão fortes e cheias de abnegação que dir-se-iam alimentadas pelo fogo sagrado do devotamento, — o unico que sobre a terra tem a efficacia do prodigio. Ainda me lembro, e perfeitamente bem, do nosso primeiro encontro, que em vez do indifferentismo,—tão uzual nas scenas da vida, pelo contrario, seduzio-me a attenção e desde logo arrastou-me para ti, que chegavas desconhecido e pobre, sem o sorriso de um amigo.

Comtudo, trazias no fundo do teu peito um bando alacre de festivas esperanças que psalmodeavam alegremente o hymno do futuro e conviviam na mais intima fraternidade

com os arrojados sonhos de tua imaginação de moço.

Sobrava-te a intelligencia, embora nesta quadra dos prazeres, em que almejavas unicamente o goso, não houvesses procurado a seiva da instrucção que aviventa o espirito, e ignorasses que possuias comtigo esse dom intuitivo de celebrar as festas da Natureza, langendo docemente as cordas do alaúde de tu'alma, que só mais tarde despertaram, quando o soffrimento te enviou seu osculo.

Vivias afastado do comicio das lettras, porque a luta que sustentavas, isto é, A LUTA PELA EXISTENCIA, *não permittia que abandonasses a profissão mercantil, a que foste votado desde a mais tenra idade... e assim proseguirias por indeterminado tempo, se uma fatalidade não cortasse o fio de tuas aspirações. Desgraçadamente viste um mundo de illusões*

apagar-se aos risos da mocidade, ficando unicamente comtigo a consciencia da vida, por que a lampada da intelligencia não empallideceu aos sopros da desventura.

Tudo esvaio-se n'aquelle momento tragico, em que desmaiavas como n'um sonho e acordavas como um moribundo, para d'ahi em diante viveres de agonias como um condemnado preso ao leito de Procusto. O teu soffrimento eternisou-se e passaram-se os annos. Tiveste necessidade de substituir IN TOTUM *as forças que se dissiparam n'essa emergencia deploravel, e então parodiando Francisco I, depois da batalha de Pavia, certamente disseste : —«Tudo é perdido... menos a intelligencia».*

Emquanto corrias mundo, experimentando climas e consultando summidades medicas, não descuravas da intelligencia e ouvias distinctamente o bem pronunciado—TOLLE,

LEGE,—*do hesitante Santo Agostinho.... E cumpriste á risca esse preceito profundamente sabio que em vez da fé, fôra ditado pela razão esclarecida.*

Hoje, após dezoito annos de longa separação, vejo-te POETA *á moda João Reboul,— o obscuro padeiro de Nimes;—que inspirou-se e cantou como os mais celebres do seu tempo, concitado pelo soffrimento d'alma, que lhe deixàra o espectro da Morte penetrando no seu lar. Não lamentas como elle—a ausencia de uma esposa e de uns queridos filhos;—mas o imitas, quando soluças na lyra o inopinado desapparecimento de tantas Visões inesqueciveis que partiram como as* ANDORINHAS :

« Serenamente, pela densa bruma! »

Todo o livro tem um titulo e o teu chamastel-o DILUCULOS. *Esplendido nome! para quem observa a magnitude das Musas e tenta*

cadencial-a, sem outra ambição que reproduzir fielmente a imagem das vibrantes sensações que lhe perturbam o coração ou lhe embriagam o cerebro, certo de que a sua temeridade não o levará além das Columnas de Hercules.

E para quem repete com o nosso mavioso Gonçalves de Magalhães :—

> *«Meus versos são os suspiros de minha alma,*
> *Sem outra lei que o interno sentimento »*

lerá em cada pagina do seu livro um crepusculo matutino, verá continuamente despontar o dia sem que seja effectivamente isso, porque existencias ha que nunca tiveram aurora e nem sabem definir o seu papel no seio da Creação. Compellidas pela inflexibilidade da Sorte, resignam-se finalmente, transformam-se como a tua que inspirada pelo bom senso preferio as festas da Natureza ás indeterminaveis LAMEN-

TAÇÕES DE JEREMIAS — *verdadeiros epicedios que acabam enfastiando.*

Portanto, o titulo do teu livro tem razão de ser. Os teus graciosos chromos, enfeitados em sua maioria de attractivos e delicadas imagens, revelam que foram esboçados por um pincel de mestre e infallivelmente agradarão ao publico que delicia-se com a suavidade do plectro. Quanto á escola que adoptaste, isto é, a do LYRISMO, *está de accordo com a tua inspiração, é o resultado de tua vida contemplativa, tú que figuras em tudo isso como um simples espectador e nunca um homem do palco. Outros, que não sejam eu, ou que te dediquem menos affecto, que melhor se expressem sobre as tuas rimas.*

ZEFERINO FILHO.

DILUCULOS

Aos seus bons e leaes amigos

Antonio Tenorio de Cerqueira

e

Zeferino Candido Galvão Filho

Mãe

I

inha Mãe ! Que nome santo,
Melodioso e suave !...
Parece a nota de um canto,
Gorgeio terno de uma ave !

II

Minha Mãe ! Que doce threno,
Immaculado e divino,
—Raio de luz tão sereno
Que afaga o ser pequenino....

III

Minha Mãe, como eu te adoro,
Nome de um ente querido;
Teu amor constante imploro,
Acendrado, e meigo, e fido...

IV

Minha Mãe, ! Ai ! eu não vejo
Como este nome outro, não !
De um filho é o dulcido harpejo
Das cordas do coração.

Fatalidade

A' Thomaz de Aquino.

stava ainda na manhã da vida,
E um futuro de encantos me sorria !..
De sonhos tinha a mente enriquecida,
No peito alegre o coração batia.

A abobada do ceu era tingida
De oiro e de azul, as côres que entrevia
Da existencia na quadra mais florida,
Quadra de amores, risos e magia...

Tres lustros só, tres lustros eu contava;
— Tenra avesinha que no ceu voava,
Ruflando as azas niveas como o arminho,

Quando bala certeira, arremessada
Pela sorte, prostrou a malfadada
Que, a sorrir e a cantar, deixára o ninho.

No jardim

Estava no jardim. Bella, colhia
Vermelhas rosas das manhãs de Abril,
Em anneis seus cabellos desprendia
A doce viração primaveril.

Alva e bordada *matinée* vestia
Que a tornava graciosa e mais gentil;
Sob as rendas a forma eu sorprehendia
Do puro seio arfando tão subtil...

Rosas colhia, niveas e vermelhas,
E em derredor voavam-lhe as abelhas
Azas batendo, em alegria louca...

E o enxame voltivolo zumbia
Para sugar a sápida ambrosia
De sua casta e purpurina bocca!...

Caridade

Ao distincto amigo Manoel da Silva Almeida

Pobre velhinha que conta
Seus setenta annos de edade,
Pelas ruas da cidade
Sai pedindo agora pão.
A todo aquelle que passa
A pobre estende, – coitada !
A sua mão descarnada.
A magra e tremula mão.

E em voz dolente supplica :
— Dai-me, por Deus ! uma esmola !
Vasia trago a saccola,
N'ella não ha que comer.

Si tremo, vêde, é de fome,
De fome é este cançaço
Que mais retarda-me o passo,
Que augmenta mais meu soffrer.

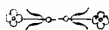
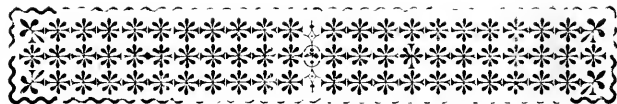
Ai ! nem ao menos escuta
Este povo indifferente
A uma velha indigente
Que a mão estende... que horror !
Não tem coração no peito
Toda essa gente que passa,
Que a não commove a desgraça,
Nem a miseria ou a dor.

Dizia a triste velhinha,
Desalentada, chorando,
— Quem sabe ?—talvez pensando
Na causa do seu soffrer :
Si não morresse-lhe o filho,
Esmola não pediria,
Porque elle trabalharia
Para dar-lhe o que comer,

Quando uma nobre Senhora,
Que conduz loira creança,
Bella como uma esperança,
Vem perto della parar.
Ao vel-a, a infeliz implora :
— Dai-me, por Deus : uma esmola;
Vasia tenho a saccola...
« Perdoe ! não tenho o que dar».

—«Dá-lhe, mamãe, a boneca.»
Grita a creança bondosa,
Accrescentando amorosa :
—«A vovó pode a vender.»—
E a mãe, risonha, abraçando-a,
Diz commovida encantada :
—« Minha filhinha adorada,
Dou-lhe outra cousa, vaes ver.»—

E das orelhas os brincos,
Do braço a rica pulseira
Tira, alegre e prasenteira
E pondo tudo no lenço,
Entrega tudo a velhinha,
Dizendo :—«Póde vendel-as,
Que são de ouro e muito bellas...»—
Que prazer, que goso immenso !

E parte assim satisfeita
Com seu anjinho, sorrindo,
Que tornou-se ainda mais lindo
Depois de tanta bondade ;
Ao ceu rendendo mil graças
Por ter desta arte aprendido
Com aquelle anjo querido
A praticar caridade.

A noiva

obre-lhe um veu de gaze transparente
A eburnea e casta fronte delicada,
Em flor de larangeira engrinaldada,
Trescalando perfume rescendente.

Cores de pejo tocam levemente
A nivea face, pura e assetinada,
Rosa de neve em purpura tornada,
Logo que o sol a beije ardentemente.

E a vista baixa, a noiva, e o seio arfando
Parece que, acordada, está sonhando
Castos anhelos, ternas phantasias...

Emquanto o noivo, pallido, a seu lado
Antevê, com o olhar apaixonado,
Loiro porvir de risos e alegrias !

As andorinhas

A Zeferino Filho.

hegára o inverno e já, de bando em bando,
Foram-se todas, sem ficar nenhuma !
Como era triste vel-as emigrando,
Serenamente, pela densa bruma !

Quando partiram, azas tatalando,
Com que saudades eu fiquei, em summa,
De não ouvir, tão cêdo, chilreando,
Da casa no beiral, nem siquer uma !...

Começa o estio e as leves andorinhas
Cortando o espaço pelo azul em fóra
Voltam, hymnos cantando alegresinhas.

Ah ! quem me déra que voltasse agora
O loiro bando festival das minhas
Aureas chimeras que inda esta alma chora

Moreninha

Onde foi, ó moreninha,
Que assim encheste a cestinha
De tão redolentes flores?
Foi no prado, ou na campina,
Foi na selva, ou na collina,
Ou foi no vergel de amores?

—«Nem no prado ou na campina,
Nem na selva ou na collina,
Nem foi no vergel de amores;
Foi n'um logar onde ouvia
Em doce enlevo a harmonia
De eximios, lindos cantores.»

—Ah! já sei! foi na floersta,
Entre os rumores da festa
Que lá fazem sempre as aves;
Ao verem que tão bonita
Menina que amor incita
Vae colher flores suaves.

Se me quizesses dizer
Quando voltas a colher,
Flores, ó flôr das creanças...
Alegre agradeceria,
Por que na floresta iria
De rosas encher-te as tranças.

A primavera

Ao Dr. Cezario de Azevedo

Sempre formosa foi a primavera,
Porém agora vejo-a mais formosa,
—Ceu de suave azul, manhã de rosa,
E mais doirado sol, que não tivèra.

Opulenta roupagem, que lhe déra
Maio em flor... e tão rica e luminosa
Que, por grinalda, traz a perfumosa
Coroa feita de verbena e de hera.

Acclamada rainha pelos ninhos
Suspensos no arvorêdo dos caminhos,
Cheia de encantos, plena de magias,

Altiva passa, e magestosa; e as aguas
De alvos regatos, que diziam maguas
Cantam-lhe agora lêdas melodias.

O ninho do gaturamo

A Antonio Tenorio

Ficava bem na margem do caminho
Do jasmineiro o curvo galho em flor,
Onde tecera o leve e molle ninho
O mavioso e alegre trovador,

Sedas e plumas alvas como linho,
Urdira o affecto do gentil cantor.
Dentro, os hymnos de amor e de carinho
Meigo carinho que engrandece o amor.

Nasceu-lhe um filho.. No ar fremem gorgeios,
Doces pipillos de alegria cheios,
Gamma sonora em terna melodia.

Barbara mão, porem, de alva creança,
Rouba-lhe o ninho e ao desespero o lança,
Chorando o filho em cantos de agonia !

Sol no campo

A João Alves.

> O sol raios de oiro espalha
> Como um fidalgo vadio.
>
> B. LOPES

Como vem, depois da aurora,
Do mar, o sol emergindo,
Raios de oiro sacudindo
Pelo verde campo em fora !

As aves surgem agora
Cantando, e os ares scindindo,
E a natureza sorrindo
De rosas o prado enflora.

Ha uns rumores de festa,
Pelas sombras da floresta,
De harmonia doce e vaga....

Eil-o que todo apparece
No horizonte, e sobe, e cresce,
E a terra de luz alaga.

A aurora

A Laurindo Seabra

horizonte clarea-se. Desata
Raios de luz intensa e viva, o dia.
Por sobre o manto escuro, que envolvia
O ceu, envolto agora n'um de prata,

No prado em flor, e no vergel, na matta,
As azas todas ruflam de alegria,
Acompanhando, em trinos de harmonia,
A musica da fonte e da cascata.

E' tudo festa. A natureza inteira
Desperta sorridente, prasenteira,
Entre os clarões e as purpuras da aurora,

Emquanto o sol, palhetas de ouro abrindo,
Victorioso, das aguas emergindo,
Rola, sangrento, pelo espaço em fóra.

A gitaninha

A Alfredo Fragoso

O nome da ciganita,
Era mesmo seductor!
Chamavam-n'a Margarita...
Tinha a graça de uma flôr.

De negros olhos... bonita!
Nas faces a pura côr
Dos jambos—a morenita
Matava a todos de amor.

Quiz ver a sina, chamei-a
E com prazer escutei-a
Mostrando-lhe aberta a mão.

E a gitaninha me disse
De amores tanta doidice,
Que ri de satisfação.

Na missa

Gósto de vel-a na missa
Toda vestida de branco,
E um sorriso alegre e franco
Que deve agradar a Deus.
E assim vendo-a me convenço :
--A fé possue de uma crente
Fazendo, serenamente,
Sua alma subir aos Ceus.

Só me parece uma santa
De nuvens toda cercada,
E a fronte pura inclinada
Muito contricta, a resar.

Como ha de ser casta a prece
Que dirige á Mãe Santissima,
Aquella Virgem Purissima
Que vejo alli, sobre o altar.

Senhora! fazei que um dia
Ardendo n'um só desejo,
Ella, corada de pejo,
Eu, tremente de paixão,
Presas n'um só pensamento,
Nossas almas confundidas,
Até vós subam, unidas
De amor na mesma oração!

No Banho

om que graça tirou ella a camisa
Vaporosa, qual nuvem sideral.
Que opulencia de formas se divisa
Na nudez de seu corpo virginal.

Como cysne boiando, as aguas frisa
Do lago na bacia de chrystal,
E a trança que soltara á doce brisa,
Serpeia sobre a espadua escultptural.

Doudo a contemplo, ardendo em mil desejos
De, n'uma explosão lubrica de beijos,
Seu niveo corpo, em ancias, afagar.

Silencio... eil-a desnuda... abre-se a lympha,
E soberana, e altiva, emerge a nympha,
Como das aguas surge o nenuphar

A pastora

A Caetano Vieira

Mal vem o dia raiando
Ouve-se já da pastora
A voz alegre e sonora
No canto que está soltando.

Pelo caminho pulando,
Segue o seu rebanho agora ;
Em pura luz vem a aurora,
A terra toda inundando.

Ao prado chega. Amanhece.
O alvo rebanho apascenta
Na orvalhada e farta messe.

Sol nado. A pastora attenta,
Move os labios n'uma prece
A' natureza opulenta.

Senhorita

nde vais, ó Senhorita ?
—Vou á Igreja, meu senhor.
—A' igreja, assim tão bonita,
Cheia de graça e pudor ?

— E que tem ? Não é formosa
A santa virgem do altar ?
—Muito ! mas tú, ó vaidosa,
Vais ella mesma adorar ?

—Vou, sim, pois somente á ella
E' que devo adoração.
—Isso que affirmas, ó bella,
E' dito de coração ?

—Juro que fallo a verdade
E nem jamais mentirei...
—Com franqueza, nessa idade,
Não sentes do amor a lei ?

—Sim. Eu amo os pobresinhos,
Os escolhidos de Deus...
—Quem me déra esses carinhos,
Um carinho só, dos teus !

—Deseja-os ? faz muito empenho
Em tel-os ? Medite bem !..
—Oh ! se o teu amor eu tenho,
Sou feliz como ninguem !

O sol

A Albino Moreira

Soberbo se ergue do dourado leito,
Quando descerra as palpebras o dia,
O astro-rei, que de arrogante aspeito
Sae a passeio pela serrania.

Purpureo manto, que de luz è feito,
Cai-lhe dos hombros ; e com fidalguia
A cabelleira que desfaz com geito
Enche-o de gemmas e de pedraria.

Cala-se o vento que gemia em choro ;
Alegre se ouve o passaredo em coro,
E as flores desabrocham em perfumes

Uma nuvem se esvai, outra se esgaça,
E eil-o que surge, e magestoso passa,
Lançando á terra os comburentes lumes.

Onze annos

nze annos somente! és bem creança,
Botão mimoso de celeste flor;
Por isso, casta e lyrial me dizes
Que inda não pódes conhecer o amor.

Quando porem, o orvalho dos affectos
A tua alma fizer desabrochar
Nos puros éstos de ideaes enlevos,
Darás ao poeta, o que?...—Um doce olhar.

E se este olhar for labareda intensa
E ateie o incendio enorme da paixão ;
Se elle pedir-te a esmola de um carinho,
Darás ao que te adora... —O coração !

Teus olhos

Uns olhos como esses teus,
De uma doçura infinita,
Ah ! não os tem, acredita,
Os proprios anjos de Deus.

Meu olhar quando se fita
No azul infindo e sem veus,
Não acha luz mais bemdita
Pelas planuras dos ceus.

Vê, quando em mim derramares
Um dos teus meigos olhares,
Que não me inundes de luz,

Pois sendo embora tão doce
A minha alma incendiou-se
N'esses teus olhos azues.

As pombas

Ellas partiram muito cêdo, quando
Da madrugada vinha a luz surgindo,
—Sanguinea rosa que desabrochando
Do ceu a face em chammas foi tingindo.

Azas... mais azas, n'um alegre bando
O immenso espaço lepidas scindindo,
Campos alem iam descortinando,
—As niveas pombas dos pombaes fugindo.

E, como agora vai o sol morrendo,
E as pardas nuvens sobem tristemente,
Eu vejo-as virem ao pombaes volvendo...

E as lindas pombas de um alvor nitente
Em revoada, as rémiges batendo,
Turturinando vem saudosamente.

Uns seios

regava um lindo alfinete
Nas rendas de seu corpete
Que entreaberto pude ver...
Que perfume se evolava
D'essas rendas que eu pregava,
Com os dedos a tremer !...

Eu bem sei porque tremiam
Meus dedos, que não queriam
Nem de leve lhes tocar...
Se de veras se assustassem
E do corpete pulassem,
Bem se podiam maguar.

Como estavam descuidados
Sob as rendas debruçados
Aquelles seios medrosos ?
Não diria, quem a visse,
Linda embora, os possuisse
Tão bem feitos e mimosos.

Era mesmo um gosto vel-os :
Niveos, pequenos e bellos,
Como um casal de pombinhos.
—Alvos bem como açucenas,—
Ruflando as nitidas pennas
Com os rosados biquinhos.

Mas que fiz ? onde é que estava,
Quando essas rendas pregava
No seu corpete gentil ?!
Deixei perder-se o ensejo
De possuil-os n'um beijo
D'aquelles que valem mil.

Ah ! quem déra a feliz sorte
De poder, antes da morte,
Mais uma vez inda os ver !...
Muito embora elles pulassem
E medrosos se assustassem...
Se isto chega a succeder !...

Que delicias não gosára
N'aquelles seios de rara
Belleza, quasi em nudez !
Que doçura não teria
Nos beijos que lhe daria,
Se vel-os chego outra vez !

Carta

inha doce Maria, que saudade
Eu sinto dentro d'alma por não ver-te !
Acaso poderia eu esquecer-te
Nesta, em que vivo, funda soledade ?...

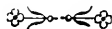
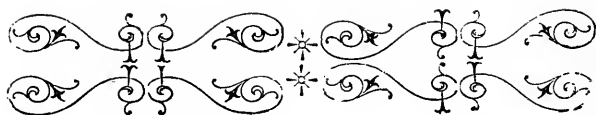
Desde quando te vi, deves lembrar-te
Como logo por ti fiquei perdido !
Por ti, que és tão formosa, anjo querido,
Que as mais bellas não deixam de invejar-te...

Sereno affecto e candida amizade
Tu sentiste por mim, ao conhecer-te :
Mas, tanto soube amar, soube querer-te,
Que inundou-te do amor a claridade...

Jamais, por isto, cessa de adorar-te
Meu nobre coração, leal e fido,
Que nas fraguas da dor vê-se ferido,
Por terem, d'elle, ousado separar-te.

Negro destino, estranha crueldade,
Esta separação, devo dizer-te !
Como já presentiam de perder-te
Meus olhos, que choravam de saudade ? !...

Quero agora, escrevendo, recordar-te
O que me prometteste, a sós, no ouvido :
—O teu retrato de anjo estremecido,
Que um mimo deve ser de esmero e de arte.

Oh ! manda-o, meu amor, se tens piedade
De quem deseja, ao menos, assim, ver-te ;
De quem nunca, por certo, ha de esquecer-te
N'esta, em que vive, funda soledade...

Veneza

Ao Dr. Severiano Peixoto

Das cidades rainha magestosa,
E's tu, Veneza, altiva e sobranceira :
O mundo inteiro acclama-te a primeira,
De nobre fama e tradição gloriosa.

Do Adriatico emerges vaporosa,
Qual ondina surgindo á clara esteira
Do mar, que cinge o corpo teu, vaidosa,
E onde te miras, bella e feiticeira.

Cobre-te um ceu azul, palio estrellado
De astros, que são as flammas purpurinas
A illuminar-te as prateadas aguas...

Gondolas passam... notas peregrinas,
Nas harpas de ouro, á luz do luar nevado,
Cantam poetas, gemedoras maguas...

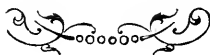
Rosas de Maio

Ao primo e Amigo Dr. Manoel Cesario da S. Brazileiro

adidas rosas que engrinaldam Maio
De petalas nitentes ou vermelhas,
Fechai vossas corollas ás abelhas,
Para abril-as do sol a um doce raio.

Aos beijos do astro, abertas quero vel-as,
De neve ou rubras, no virente galho,
Recamadas de perolas de orvalho,
Pingos de luz cahidos das estrellas.

E se as abelhas forem maculal-as
Com o pó de suas azas prateadas,
Então ireis de amor embriagal-as.

E ardendo em ancias, da volupia aos lumes,
Hão de morrer, por vós inebriadas
Em doces vagas de lethaes perfumes !

No Golgotha

Soluçando abraçada aos pès da cruz
Por ver do Christo o enorme soffrimento,
Magdalena ergue a vista ao firmamento,
Onde cravada estava a de Jesus.

E exclama :—O' Deus ! com elle me conduz,
Quando chegado for o seu momento,
Pois seria o viver negro tormento,
Sem ter dos olhos seus a doce luz !

Aos pés do lenho, a Mater Dolorosa
Alma ferida, triste e lacrimosa,
A mesma dôr do filho padecia. . .

Subito, finda o tetrico supplicio
De um Deus que, se entregando ao sacrificio,
A Humanidade inteira redemia.

Retorno

hegou : e emfim chegou tambem com ella
Quem havia meu corpo abandonado :
A minha alma que a tinha acompanhado
Para nunca deixar de ouvil-a e vel-a.

E mais formosa veio a meiga estrella,
Que brilha em ceu de amor opalinado,
Rindo, veio tambem minh'alma, ao lado
De sua doce luz radiosa e bella !

E o coração que o corpo me alentava,
Na ausencia deste affecto que o deixava,
Revendo-o assim, uma outra vida sente.

Palpita e freme e estúa e vive agora,
Pedindo à estrella que se faça aurora
A illuminar-lhe o amor eternamente!

O Ferreiro

Ao Dr. Luiz Affonso d'Oliveira Jardim

Quando o ferreiro em virginal floresta
O malho bate de seu forte grito,
A passarada se alvoroça em festa,
E corta o azul intermino, infinito.

E a selva toda que em florões se enfesta
De suave aroma, tepido, exquisito,
Nuvem desprende vaporosa e lesta,
Como o incenso do altar de estranho rito...

Mais o Ferreiro, esse cantor da matta,
Notas de bronze a retinir desata
Nos ingazeiros rebentando em flòr ;

E mais alegre canta a passarada,
As azas tatalando, em revoada,
No immenso espaço de azulada côr.

Em pranto

A Zeferino Candido Galvão Filho, pela morte de seu estremecido pae.

...mundo sombrio
Quem tão sombrio te fez?

ZEFERINO FILHO. (Dos *Epicombos*)

Eu venho chorar comtigo
A perda de teu bom pae,
D'aquelle sincero amigo
Que da lembrança não sae...
Vivia a vida dos justos,
Que mal fazia viver?
– Fundos mysterios augustos
Vedados ao conhecer!...

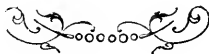
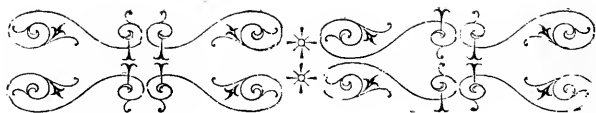
Mas a morte inexoravel,
Que não respeita a amizade,
Levou-o, fèra, implacavel,
Nos mergulhando em saudade.
Sua alma pura e serena
Foi para o ceu habitar,
Immerso deixando em pena
Quem comtigo vem chorar!

Foge !

Flor innocente dos jardins do Empyreo,
Porque na terra vens desabrochar ?
Não vês que as tuas petalas, ó lyrío,
Pode o paul de lodo vil manchar ?

Queime-te, embora, a febre do delirio,
Sintas o peito em ancias estuar,
As almas puras tem o seu martyrio
Se o vicio, acaso, as tenta macular.

Foge, portanto, das doiradas salas ;
N'ellas se escutam mentirosas falas,
E a corrupção de labio a labio sôa...

Aos olhos teus apaga a viva flamma,
Que assim evitas salpicar de lama
A tua bella e virginal corôa.

Jesus

Ao Sr. conego João Marques de Souza

oce Jesus, Cordeiro immaculado
Das entranhas bemditas de Maria,
Porque te move guerra, noite e dia,
A sciencia moderna em tom irado ?

Não basta já na cruz martyrisado
Ser pela multidão, que em ti não cria,
E que, entretanto, ouvio-te na agonia :
—Não sabe elle o que faz, ó Pae Amado !

Perdoa assim tambem esta sciencia
Que busca te negar em sua essencia,
Negando a luz serena da verdade...

Perdôa-os, ó Senhor, e d'essa altura,
Dos olhos teus replectos de doçura
Derrama a luz da eterna claridade.

Primavera em flor

No anniversario natalicio
de minha querida irmã
Elvira.

ais uma flor mimosa e redolente
Abre hoje no jardim de tua vida,
—Junquilho que desbrocha sorridente,
Tornando-te mais bella e mais querida.

Que alvorada de luz resplandecente,
Que luz de aurora tão enrubescida,
E' esta que illumina alegremente
A tua primavera reflorida !...

Ledos s[illegible] mostram, hoje, os passarinhos,
Nos bal[illegible]dos em flôr, pelos caminhos,
No teu anniversario, ó minha Elvira!

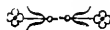
Por isso, eu venho, festejar agora
Da tua vida a immaculada aurora,
—Hymno de amor, que amor fraterno inspira.

Tua mão

Lyrio na côr delicada
E' tua pequena mão,
Parece um mimo de fada
No primor, na perfeição.

A petala perfumada
Da rosa ainda em botão
Inveja-lhe a tez nevada,
O requinte e a correcção.

A soberana belleza
De rainha ou de princeza
Que entre purpuras assoma,

Não tem como tu, senhora,
Mão que ordena, quando implora,
E minha alma curva e doma!

Elvira

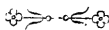
Vem ver, ó minha irmanzinha,
Como ao cahir da tardinha
E' bello o nosso sertão ;
Vem escutar o queixume
Da brisa,—haurir o perfume
Que exhala a flôr em botão.

Vem ver como os colibris
Saltitam, leves, subtis,
Sobre a relva da collina ;
Ouvir o triste balido
Do cordeirinho perdido
Na verdejante campina.

6

Ver as leves borboletas
Osculando as violetas
Que rebentam pelo prado ;
Vem ouvir do pegureiro
O descante prasenteiro
Que solta levando o gado.

Do cimo da cordilheira
Ver ali na cachoeira,
Banhando-se os patoris ;
Vem ouvir as amorosas
Doces queixas que saudosas,
Modulam as juritys.

Vem ver, gentil creatura,
Como a côr do ceu é pura
N'essas tardes de verão ;
Vem ouvir o teu poeta,
O' querida irmã dilecta,
Elvira do coração.

Canta

Canta, mulher, e no cantar desata
Da garganta suave melodia,
Que nossa alma transporte de alegria,
—Alegria que é sonho, e as dores mata...

Trillo, gorgeio, tremula volata,
Scisma de amor, que amor tanto inebria,
Extase puro, em vagas de harmonia,
Que ás delicias do ceu nos arrebata!

Na doçura, mulher, dos teus harpejos
Ha tanto mel, como só têm os beijos
Dos labios teus abertos n'um sorriso.

Canta ! ás espheras rutilas e calmas
Sobem os corações, sobem as almas,
Sonhando entrar do amor no paraiso !

A rosa

A Alfredo S. Maia

Alzira plantado havia
N'um jarro linda roseira,
Dizendo que a flór primeira,
De seu amado seria.

Elle ostentar pretendia
Do frak na botoeira
A flôr que a bella e faceira
Creança lhe promettia.

Mas, qual não foi seu espanto,
Quando ella cheia de encanto,
Sorrindo como uma louca,

Disse-lhe uma dia ao ouvido :
—Se a rosa almejas, querido
Vem colhel-a em minha bocca...

Tremendo

A Francisco Alexandrino

Era a primeira vez que elle ficava
A sós, com a meiga e timida Dolores;
Ella, de Dante as rimas soletrava
Tendo nos olhos rutilos fulgores.

O professor solicito mostrava
Os segredos do verso e os seus primores;
O olhar do moço amores confessava,
E ella entendia o poema... dos amores.

Ambos relendo a pagina dantesca,
Ruborisam-se, ao ver o ardor extremo
De Paulo, em ancias, a beijar Francesca.

E obedecendo ao mesmo extranho impulso,
Elle, escravo do amôr,—goso supremo !
Beija-a tambem, precipite, convulso...

Barcarola

Vem ! a gondola, formosa,
Já vai as ondas singrar,
— Gaivota de azas espalmas,
Cortando as planuras calmas
Do calmo e profundo mar.

Ligeira, mimosa e leve
Deslisa nas aguas, breve,
—Cysne as ondas a scindir :
E' timoneiro o poeta,
Cantando a magua secreta
De algum secreto pungir.

Vem ! a gondola já corta
As mansas vagas do mar.
Com teu amante, Senhora,
Vamos em busca da aurora
Para o amor illuminar...

Has de querer, com certeza;
Ir a Italia, ir á Veneza,
Ver a terra dos canaes ;
Para ouvir dos gondoleiros,
Ao som dos remos ligeiros,
Barcarolas ideaes...

Senhora, a gondola singra
As verdes aguas do mar...
Vamos, na terra de amores,
Fazer um ninho de flores,
Em que possamos amar...

—Patria d'Arte ! ó mago sonho,
Sereno, doce e risonho,
Que nos embala a nós dois !..
E o poeta empunha a lyra
Vibra um canto que suspira
E geme... e anceia... e depois....

Vai a gondola formosa
Ondas mansas a singrar :
—Gaivota de azas espalmas
Cortando as planura calmas
Do calmo e profundo mar !

Natal

*Ao meu illustre padrinho padre Luiz
Ignacio de Moura*

N'uma pobre estribaria
Humildemente nasceu
Jesus, filho de Maria
Como se fôra um plebeu.

Deste modo a luz do dia,
Que elle visse quiz o ceu
Que mais bella apparecia,
Quando hozannas mil ergueu.

Teve um berço— a mangedoura,
Onde a Virgem Mãe Senhora
O vio sorrir de contente.

E onde os Magos da Chaldéa
Ao grande Rei da Judéa
Guiou estrella fulgente.

A tarde

A Severino Marques

Gosto da tarde, quando o sol desmaia
Em seu purpureo leito, somnolento,
E no sereno azul do firmamento
Boiam nuvens de rosa e de cambraia

Ouvir a passarada alem, que ensaia
Uns preludios de queixa e de lamento,
Misturando-se á musica do vento
Triste a gemer nos coqueiraes da praia.

Hora de paz e de serenidade,
Quando mais punge o espinho da saudade
Do tempo que passou, terna lembrança...

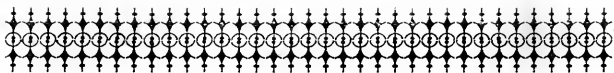
Hora na qual, ó Mãe, tu me ensinavas
As santas orações com que formavas
O coração de um homem na creança !

O pé de Iza

Que pé, meu Deus, deste a Iza!
Parece um flócco de neve.
Mimoso... não se descreve,
Nem a mente o idealisa.

Tão gracioso que pisa
Como um pombinho, de leve!
Ligeiro, subtil e breve,
Serenamente deslisa...

Quem o vê assim traquinas
A correr entre as boninas
E entre os lyrios do jardim,

Desejaria apanhal-o
E no peito collocal-o,
Como se fôra um jasmin.

Dormeuse

(Sobre um quadro de Henner)

A João Paes.

Adormecida assim, como eu a vejo,
Toda nua, em tão languido abandono,
Parece um casto lyrio que, no outomno
A brisa adormeceu, dando-lhe um beijo.

E sem as faces lhe corar o pejo,
Mostra seu corpo no innocente somno,
Corpo que um rei a purpura e o throno
Dera, por elle, em febre de desejo...

Sonha talvez n'um candido sorriso
O labio move ; a cabelleira sôlta
Ondeia e freme e como que palpita.

—Venus que sai do mar, n'um dôce friso
De espuma... e em torno a multidão revôlta,
Dos gosos todos que a volupia incita !

Bella

A Manoel Tavares

E'loira como uma espiga
Das mais loiras de um trigal ;
Como um anjo, a rapariga
Nos deslumbra, é divinal.

Quem seu corpo vir, que o diga :
—E' tão bello e esculptural
Que nenhuma estatua antiga
Ou moderna, teve igual.

Venus, talvez, se existisse
E tão linda assim a visse
A belleza lhe invejasse !

Mais do que a deusa é formosa :
—Pois nasceu de alguma rosa
Que uma estrella enamorasse...

Passeio matinal

Vamos cantando assim, de braço dado,
Como cantando estão os passarinhos
Que as azas ruflam sobre os molles ninhos
Ou pelo espaço, á luz do sol doirado.

Amantes ambos, cherubim amado,
E sempre um do outro,em fervidos carinhos,
—Enchendo o azul de dôces murmurinhos,
Beijos trocando até chegar ao prado.

De castos lyrios tentarei fazer-te
Bella grinalda para enaltecer-te
A nobre fronte virginal, mimosa.

Depois,um beijo... e um outro... e mais,querida!
Quero na tua bocca enrubescida
Sorver do amor a essencia mysteriosa.

A edade de Dulce

A José H. Amaral

Dulce disse hontem que tinha
Dezoito annos tão somente,
Quando sabe tanta gente
Que ella é muito mais velhinha!

A filha aqui da visinha,
Sua amiga e confidente,
Sem malicia, ingenuamente,
De bater gosta a linguinha.

— E provar quero o que digo
Deu-se o caso, hontem commigo.... —
Dona Annita assim fallou.

Conta Dulce mais um anno :
Sem que possa haver engano
Vinte e cinco hoje inteirou.

O Samba

A Alfredo Santos

Se o *cabra* é mesmo pachola,
De fita enfeita a viola
Que sabe repinicar,
Para as matutas morenas
Na dança entrarem serenas,
Sem fazerem-se rogar.

E logo o samba começa,
Sem receio que arrefeça,
De tanta satisfação...
Não ha visos de desgosto,
So alegria no rosto
De todos que ali estão.

Graciosa puxa a fieira
Gentil morena faceira
Dôce toada a cantar.
Dos dedos faz castanhola,
Em desafio á viola
Que geme, quasi a chorar...

—«Sou sertaneja orgulhosa,
Linda, meu Deus ! e vaidosa
E sambista, já se vê !
Nenhum matuto brejeiro
Commigo rufa o pandeiro,
Nem bate commigo o pé.»—

Ao que respondem :—Morena,
Tão leve como uma penna,
Ligeira, qual jurity,
Teus olhos são meus peccados,
Tão languidos e quebrados,
Olhos assim nunca vi !»—

E mais na viola agora
Parece que o cabra chora
E vai de gosto morrer,
Emquanto a barra quebrando,
De luz um banho vem dando
Sobre a terra ao manhecer.

A Sertaneja

A José Cupertino

Assim que disponta a aurora,
Da cama salta ligeira
A sertaneja faceira
Que o ar da manhã vigora.

A cuja quer, sem demora,
Que ha de estar na cantareira,
Ou no moirão da porteira
Onde a deixou. E sae fora.

E pensando o nédio gado,
Vai do curral ao cercado,
N'um constante labutar;

Em quanto o guapo marido
Sella o ginête luzido
E n'elle vai campear.

Ausencia

Como é saudoso o instante da partida
De quem, abandonando a terra amada,
Deixa ficar a amante idolatrada,
Olhos em pranto, triste despedida!

Hora de angustia e dôr indefinida
De uma alma que soluça de magoada,
Ao ver outra de lagrimas banhada,
—Pena de amor estranha e dolorida!

Aza que o vento do destino solta
No espaço, e ao menos, se algum dia volta
Não diz, que a sorte penetrar não ha-de!...

Partir... na curva do caminho ainda
O extremo adeus... um lenço no ar... infinda
Magua... e depois o espinho da saudade!

Alenta-me

(ao amigo Josè d'Alemquer Simões do Amaral)

Inspira immortal canto e voz divina
n'este peito mortal, que tanto te ama.
CAMÕES—*Lusiadas*.

Ha muito que minha musa
esquiva se mostra assaz,
rebelde, si lhe supplico
o perfume de um lizar.

Seja Clio, seja Eráto
teu nome, musa, conversa
commigo que n'esse olvido
minha pena tenho immersa,

Si estes versos te agradarem,
singelos como elles são,
dá-lhes um premio de luz,
o premio da redempção.

Bem sabes que em meu retiro,
n'esse descuido profundo,
não tenho quasi encontrado
sensação, prazer jucundo...

Por isto, como a visão
que se abandona n'um ermo.
si o pranto molhar-me a face,
sincera corre a beber-m'o.

Eu creio em ti, porque foste
a sombra de quanto amei
de sorte que não te troco
pela corôa de um rei.

Alenta-me, musa, um pouco
desdobra tua mantilha,
abre teus labios que animam,
esparge-me de baunilha.

Pesqueira, 15 de Agosto de 1887.

Zeferino C. Galvão Filho.

ERRATA

No soneto—*As pombas*, no primeiro terceto em vez de *ao pombaes*, leia-se *aos pombaes*.

—————

Em consequencia da pressa com que se fez a revisão d'estes *Versos*, tambem sahiram alguns erros de orthographia, que facilmente o leitor corregirá.

INDICE